

OS ANIMAIS QUE TODOS SOMOS: OU A VIDA DOS BICHOS NA LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEA

Fernanda Coutinho (UFC)¹

Resumo: A partir da Zooliteratura Infantil Contemporânea, tendo como corpus específico (Le zoo (Babin, 2011), Para meu bebê. Animais pequenos (Greze, 2014), Bebês brasileiros. Poemas para os filhotes mais especiais de nossa fauna (Lalau, 2014), meu filho, meu besouro (Volpato, 2011), e Estatutos de um novo mundo para os animais (Sanchez Neto, 2007) este trabalho propõe uma reflexão sobre a inserção da criança no universo ficcional e a consequente formação de seu processo identitário, através do “outro” representado pelo animal não humano. O aporte teórico foi buscado em Montaigne (1987), Rousseau (1999) Soussan (2014) e Maciel (2011; 2016).

Palavras-chave: Literatura Infantil Contemporânea; animal; criança; identidade.

O eu e o outro na “Zooliteratura” Infantil Contemporânea

Das tantas perguntas que o ser humano se faz, uma, de aparente simplicidade, traz em si a potência dubitativa do indivíduo quanto à sua própria condição: quem sou eu? Traz, ainda, como marca de sua identidade, o reverso inescapável: E o outro que existe dentro de mim? Quem é ele?

Envolta em muitos e diversificados artifícios de composição, essa foi uma questão que povoou o trabalho poético de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) que a adotou como uma das indagações obsessivas de sua criação.

Deslocando-a do registro lírico, Drummond prossegue em seu percurso com a indagação e assenta-lhe na cadeira de balanço da crônica, mais especificamente em

¹ Professora de Teoria da Literatura do curso de Letras da UFC. Doutora em Teoria da Literatura (UFPE), com pós-doutorado em Literatura Comparada (UFMG, Université de la Sorbonne, Paris IV).

“O Outro”, situada na seção Comportamento, do livro *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*, no qual a promessa do escritor é a de um texto compósito em que figurarão histórias, diálogos e divagações.

Partindo da expressão de uso corrente, “Como diz o outro”, Drummond, artista da palavra, cria um coleante jogo lúdico, explorando inúmeras possibilidades de definir esse “outro”, por trás do qual muitas vezes se esconde, dissimulado, a figura do eu.

A certa altura desse texto, em que o lúdico reparte espaço com o reflexivo, o escritor aponta para o incessante deslizamento entre o eu e o outro, o qual termina por ser uma de nossas máscaras mais bem talhadas.

Minha alteridade é incontroversa, com relação aos demais habitantes da Terra, assim como a alteridade dos demais habitantes com relação ao meu eu. Mas isso, multiplicando ao infinito os outros, e fazendo com que todos os sejamos cada vez mais, não chega a anular o sentimento do eu, que luta ferozmente, não digo por se afirmar: simplesmente por se saber existir, dentro do outrismo geral (Andrade 1987: 67).

Na crônica em pauta, Drummond toma como parâmetro o gênero humano, ao se referir “aos demais habitantes da Terra”, mas talvez fosse possível estender essas ponderações aos animais não humanos, tomando-os como outros “outros” de nós mesmos.

Com base nessa premissa, o presente trabalho parte da Zooliteratura Infantil Contemporânea, tendo como *corpus* específico (*Le zoo* (Babin, 2011), *Para meu bebê. Animais pequenos* (Grez, 2014), *Bebês brasileiros. Poemas para os filhotes mais especiais de nossa fauna* (Lalau, 2014) e *meu filho, meu besouro* (Volpato, 2011), e se propõe a uma reflexão sobre a inserção da criança no universo ficcional e a consequente formação de seu processo identitário, através do “outro” representado pelo animal não humano. Busca-se, ainda, verificar como essa modalidade literária vem se configurando como um espaço de problematização acerca da representação dos animais não humanos, num momento em que a noção de infância também é alvo de questionamentos sobre seu significado. O aporte teórico foi buscado em Montaigne (1987), Rousseau (1999) Soussan (2014) e Maciel (2011), (2016).

Como não se desconhece, são variadas as formas de convívio, particularmente o da criança, com essa outridade, advinda do animal não humano, aqui, porém, serão tomadas como farol para a reflexão sobre o problema alguns modos de experiências ficcionais da Literatura Infantil Contemporânea.² Assim, uma gama variada de perguntas atravessa o presente ensaio, que lida com categorias relativamente às quais tem havido ultimamente um acentuado investimento epistemológico. No caso da infância, entendida como uma idade da vida, observa-se atualmente um significativo abismo entre sua compreensão a partir da segunda metade do século XVIII, quando começa a se definir como construção histórica e social e a compreensão da atualidade. Também, quanto aos animais, vem ocorrendo uma ressignificação de sua presença, principalmente quanto à convivialidade dos homens no tocante a eles, o que vem sendo ponderado pelo caráter transdisciplinar dos Estudos Animais. Na medida em que entrelaça os temas da infância e do animal, a

² Corresponde à produção que privilegia o receptor infantil, tendo como marco inicial as décadas finais do século XX.

Literatura Infantil Contemporânea estabelece um elo entre Arte e pensamento, ou entre Literatura e seres vivos, denotando a potência dessa forma de linguagem em sua capacidade de apresentar novas maneiras de recriar o real, transmutando, por vezes, a percepção dos indivíduos face a verdades tidas como inconteste. No que toca à Literatura Infantil Contemporânea, importa investigar em que medida diferirão suas construções de outras havidas dos primórdios da Literatura Infantil até o século XX, em outras palavras, como será descrita atualmente a inegável força de imantação existente entre o animal e a criança. Pergunta-se, então: Que singularidades essa modalidade de Literatura agregará às histórias voltadas para o pequeno leitor? Ou, que tipos de apropriação são efetuados, face às soluções de construção textual encontradas em momentos anteriores? A partir dos três domínios de análise mencionados: infância, animal e Literatura Infantil Contemporânea pretende-se verificar como a presença animal mediada pelas narrativas desvela uma fenomenologia dos sentidos que leva o receptor do texto a se dar conta de sua própria condição de ser sensível. A Literatura opera, assim, uma nova *paidéia* subvertendo a lógica racional que restringe ao ser humano a condição de pedagogo.

“Multiplicando ao infinito os outros” (Andrade 1987: 67), o texto infantil contemporâneo é uma porta de entrada a um mundo labiríntico e desafiador, que denota não apenas a crença na infância como uma fase de plenitude em si mesma, distanciando-a da visão redutora de uma simples antessala para a verdadeira existência, bem como um jogo de espelhos em que se cruza variadas animalidades, cruzamento de que redundam em uma plêiade de imagens distorcidas, o que pode vir a tornar mais nítido o sentido do humano, para os que descortinam o começo da grande aventura chamada vida.

Lições de humanidade: o que aprender com os animais

“Hoje, não há como lidar com tais fronteiras senão pela via do paradoxo: ao mesmo tempo em que são e devem ser mantidas – graças às inegáveis diferenças que distinguem os animais humanos dos não humanos –, é impossível que sejam mantidas, visto que os humanos precisam se reconhecer animais para se tornar humanos.”

Maria Esther Maciel

Apesar de o homem ter-se reservado um lugar especial no mundo, nada mais nada menos que sobre todas as coisas, o animal não humano pertence inapelavelmente à gênese do mundo infantil. Ao relativizar acerbamente a vaidade humana, como fruto de sua visão céptica, o escritor francês Michel de Montaigne (1533-1592) sugere, em “Da crueldade”, um de seus ensaios em que o animal tem maior evidência, a possibilidade de uma existência comunitária entre ambos, ao invés de uma relação de tal forma assimétrica, que considerasse a possibilidade de maus-tratos aos animais. No trecho a seguir, o filósofo desconstrói a pretensa supremacia humana encontrando, pelo contrário, motivos de equiparação entre os dois.

Quando encontro em autores muito sensatos dissertações tendentes a provar certas semelhanças entre os animais e nós, quanto participam de nossos próprios privilégios e quanto temos em comum, torno-me muito

menos presunçoso e abduco sem dificuldade essa *realeza imaginária* do homem sobre as demais criaturas (Montaigne 1987: 172, grifo nosso).

Lançando-se ao vazio essa “realeza imaginária”, torna-se possível inferir que, se a infância é por excelência o tempo das descobertas, o começo do mundo para a criança é vislumbrado, em grande parte, pelas percepções vindas do reino dos bichos. Por intermédio da audição de relatos, a criança ainda pequena já convive com uma acústica muito particular, a das onomatopeias: miaus, au-aus, cocoricós – para mencionar apenas os sons mais corriqueiros. Essa é uma pauta sonora que lhe chega aos ouvidos e à sensibilidade mediada pela voz, entre outros, dos pais, avós, babás, o que ocorre, muitas vezes, de forma concomitante à escuta dos primeiros sons da linguagem humana. Com o tempo e, às vezes, através de sua própria decodificação dos signos por meio da leitura, uma babel de verbos vai chegando à compreensão da criança, e marcando a identidade dos animais não humanos, por via do linguajar que lhes é característico. Sibilar, cacarejar, grugulejar, grunhir, chilrear, gorjear, uivar, relinchar, coaxar, grasnar, balir, berrar, rugir, zumbir, arrulhar, mugir, crocitar: são muitas e variadas as formas de os bichos nos dizerem sobre o seu mundo.

Prosseguindo na decifração da vida por intermédio dos animais, é dado à criança depreender as nuances do tato, expressas pela suavidade de carícia do pelo de felinos e de coelhos, por exemplo, bem como, no limite oposto, pela aspereza da armadura do porco-espinho. Essas são percepções que levam à compreensão da própria animalidade infantil, uma vez que culminam numa enciclopédia de saberes, pois a elas se aderem outras apreensões ligadas ao sensorial, tais como o aromático, o cromático e o gustativo.

Situado o império dos bichos no espaço de inventividade da criação artística, a Literatura, em sua potência de subversão do real, aí opera um descentramento epistemológico, uma vez que o pensamento ocidental definiu por muito tempo o animal com base na noção de precariedade, de falta, principalmente a da razão. No território da arte, contudo, palmilha-se um terreno outro, uma vez que nele é razoável valorizar a vida dos sentidos e essa pode ser ensinada às crianças pelos animais.

Ora, o que pensar sobre a circunstância de que o saber sobre nós mesmos pode ser carregado por seres que se definem pela desrazão? Recorrendo, mais uma vez, a Montaigne, vê-se no trecho a seguir, colhido na “Apologia de Raymond Sebond”, que o filósofo, além de desdenhar a razão humana, proclama sua defesa da similaridade de ciclo vital entre homens e animais, o que se harmoniza inteiramente com os princípios defendidos na teologia natural de Sebond: “Os bichos nascem, reproduzem-se, alimentam-se, vivem e morrem como nós. As vantagens que atribuímos à nossa condição, em menoscabo das suas, são gratuitas; a nossa razão é incapaz de demonstrar sua superioridade” (Montaigne 1987: 198).

Tomando por base o embate entre razão e desrazão, interessa ratificar que a Literatura muitas vezes torna oblíquas certas verdades plasmadas nos estereótipos, como se dá com a da estupidez do burro. Um dos animais célebres da Literatura Infantil, Cadichon, criação da Condessa de Ségur (1799-1874)³, questiona esse

³A Condessa de Ségur escreveu esse livro-oferecimento, visando ao convívio quimérico criança-animal, dedicando-o a Henri de Ségur, um de seus oito netos. Tornado clássico da Literatura Infantil, *Memórias de um burro* é uma publicação de 1860, que cedo se tornou um clássico da Literatura Infantil.

predicado pouco apreciável imputado à sua raça. Ao “escrever” suas memórias, Cadichon transforma a dedicatória do livro em um texto que se aproxima da dicção do libelo, dirigido contra seu “patrãozinho” e contra os homens em geral, que reservam a qualidade da sabedoria unicamente para si próprios. O livro conta a saga do burro na companhia de seus vários donos e mostra seus ensinamentos às pessoas, quanto à importância de reavaliar os erros cometidos e ainda quanto ao valor de um trato afetuoso para com os animais.

Ao meu patrãozinho

Senhor Henri de Ségur

Patrãozinho, você sempre foi bom para mim, mas tem falado com desprezo dos burros em geral. Por mais que pense saber como são os burros, eu agora escrevo e ofereço a você estas memórias. Verá, patrãozinho, como eu, um burro, e meus amigos asnos, potrinhos e mulas temos sido injustamente tratados pelos homens. (...) Verá, enfim, que, quando tiverem lido este livro, no lugar de dizer, “imbecil como um burro”, “ignorante como um burro”, “teimoso como um burro”, todos dirão: “espirituoso como um burro”, “sábio como um burro”, “dócil como um burro” (...)

Cadichon,

um burro sábio (Condessa de Ségur 2014: 2).

Com suas observações agudas sobre o muitas vezes estúpido agir dos indivíduos, a leitura das memórias de Cadichon não se faz em linha reta, ensejando muitas paradas para reflexão, tal como pensado por Roland Barthes em “Escrever a leitura”, constante em *O Rumor da língua*. Ali, Barthes propõe uma dupla pergunta, mostrando a leitura como uma máquina giratória sujeita a pausas, as quais dinamizam mais ainda seu movimento pela força da elucubração.

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça? (Barthes 2004: 26).

Em nosso mundo fortemente preso às convenções do especismo (Singer 2010, Lestel, 2001), chama a atenção, igualmente, a proposta de Cadão Volpato em *Meu filho, meu besouro* (2011), livro em que se constrói uma fábula ao contrário, desbaratando convenções figurativas quanto às espécies. O título do livro parodia o célebre tratado de Puericultura, *The Common Sense Book of Baby and Child Care*, 1946,

No Brasil, foi recriado por Herberto Sales (1970), numa recontextualização à brasileira, trazendo, entretanto, a indicação da filiação literária: *Memórias de um burro brasileiro*. Obra baseada em *Memórias de um burro*, da Condessa de Ségur.

Em 2013, aparece a versão de Tatiana Belinky para a saga de Cadichon, agora chamado de Burrico, dentro da Coleção Clássicos recontados, da Editora Melhoramentos, com ilustrações de Franz Richter. As referências mostram como os clássicos desse gênero podem funcionar como hipotexto para os textos construídas na esfera da Literatura Infantil Contemporânea.

de Benjamin Spock, *Meu filho, meu tesouro: como criar e educar os filhos*, na tradução brasileira.

Em Volpato, cabe ao humano ser representado pelo burro, justamente o animal que vai de encontro à noção de sabedoria. Já os poemas que compõem a obra quebram outra forma de convencionalismo, retratando pai e filho numa partilha de experiências, *pari passu*, bem mais que reproduzindo padrões hierárquicos, que concedam ao adulto a palavra cabal. A idade, portanto, não representa argumento de autoridade. De todo modo, o adulto detém o saber, entrevisto no valor metonímico do objeto livro, que somente o pai conduz à sua frente, como se observa na ilustração da capa.

A presença da questão do bicho na Literatura e em outras formas de conhecimento como os filosóficos, os das ciências humanas e biológicas e ainda do Direito, vem confluindo para os Estudos Animais, que de acordo com Maciel (2016) são sustentados por dois eixos: “o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada ‘animalidade’, e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos” (Maciel 2016: 5). Esses são aspectos reveladores das dúvidas quanto à exatidão de um limiar preciso que separe homens e animais não humanos.

Trata-se de uma pauta da contemporaneidade, que questiona muitas das explicações dadas até então sobre o homem e ainda coloca em debate o poder da ficção como modelo de conhecimento sobre o mundo.

A aceitação da ficção como forma de conhecimento é aqui estendida à Literatura Infantil, muitas vezes considerada texto menor, fácil, dirigido a pessoas de compreensão limitada. Essa é uma visão, marcadamente ideológica, que apequena tanto o texto quanto seu fruidor. Tal compreensão do sujeito leitor criança seria a de um ser voltado, preferencialmente, para a dimensão do enredo, o mais das vezes facilmente decodificável, e ainda como alguém a quem deveria ser facultada a apreensão de ensinamentos de ordem ética, através da Literatura, por intermédio de um discurso educativo. Em outras palavras, a incorporação da fabulação animal ao mundo infantil define um protótipo de criança bastante distanciado do existente no mundo contemporâneo. Por essa razão, essa imagem distorcida vem sofrendo questionamentos de um sem-número de estudiosos do fenômeno literário voltado para a criança. Hunt (2010) é um dos que alertam para a identidade de sua composição, afirmando: “A literatura infantil é diferente, mas não menor que as outras. Suas características singulares exigem uma poética singular” (Hunt 2010: 37).

Antes de apresentar algumas obras da Literatura Infantil Contemporânea, dentro do mundo zoo, seria pertinente indagar: que outras formas de interação teriam existido antes das versões atuais do texto infantil? E ainda: como traduzir essa convivência entre personagem e leitor?

A proximidade entre crianças e animais no âmbito da imaginação é bastante antiga, como não se desconhece. Na galeria de personagens que compõem a Literatura Infantil, aliás, um lugar todo especial é reservado ao animal, tal a afinidade revelada entre os bichos e essa forma de criação. Mesmo as fábulas que a princípio não tinham como público-alvo a figura do pequeno leitor, passaram com o tempo a integrar o quadro da Literatura para crianças. Trata-se, portanto, de uma assimilação, por afinidade, de um gênero, cuja origem é bastante remota, anterior mesmo a Esopo (620-560 a.C.), seu fixador no sistema literário ocidental. No vasto

painel das narrativas esópicas, existem pelo menos três delas em que os dois personagens contracenam, o que já se anuncia no título: “O menino e o corvo”, “O menino e o escorpião” e “O menino e o leão desenhado” (Esopo, 2013). Coincidentemente, “O menino e o corvo” e “O menino e o leão desenhado” trazem a mesma moral, reportando-se à inexorabilidade do destino humano. Quanto a “O menino e o escorpião”, trata do discernimento em distinguir os bons dos maus. Portanto, o corpo das fábulas, como, mais tarde, será designado, por La Fontaine, o enredo, não encaminha para aspectos ligados à animalidade. Já a “alma”, termo que, para La Fontaine, identifica a moral da história, promove um saber de caráter universal, não necessariamente, portanto, voltado para o público infantil. Quanto ao animal, é oportuno lembrar que, mesmo as fábulas que lhe davam a função de protagonista, proporcionavam-lhe, antes, um pseudo-protagonismo nos relatos, na medida em que as ações humanas eram de fato o que mais interessava. Padrão semelhante ao de Esopo foi adotado por La Fontaine (1621-1695), de modo que foram reforçados determinados estereótipos comportamentais acerca dos bichos, tais como a esperteza, a arrogância, a persistência, a avareza, entre tantos. Dito de outra forma, por muito “tempo, o animal não se apresentou como animal, de fato, mas é sabido, perfeitamente, que os fabulistas tinham em mente usar sua pena a serviço da crítica ao comportamento humano e aos costumes de suas épocas.

No extenso verbete, que dedica à fábula, em *Genres, formes, tons* (2001), Patrice Soler refere a íntima relação entre esse tipo de narrativa e os eventos políticos da Roma de Fedro e da Paris de La Fontaine. Segundo o estudioso, em “O lobo e o cordeiro”, Fedro traz à realidade, por meio da ficção animal, “la politique de délation par l’homme fort du régime, le favori de Tibère, Séjan”.⁴ Quanto a La Fontaine, algumas de suas fábulas relatavam episódios da política francesa, como a perseguição de Jean-Baptiste Colbert, poderoso ministro das Finanças do Rei-Sol, a Nicolas Fouquet, superintendente das finanças e protetor do escritor. Fouquet teria tido preso, além de ter seus bens confiscados. Como tal, uma das leituras possíveis de “A cigarra e a formiga”, uma das fabulações mais famosas de La Fontaine, tem forte impregnação contextual, apresentando Colbert como “l’emblème de la thésaurisation” (Soler 2001: 185)⁵.

Importa ressaltar que as experiências de base etnológica efetuadas por Charles Perrault, no século XVII, e pelos irmãos Grimm, no século seguinte, foram de grande importância para inventariar o imaginário dos povos quanto à tradição oral e esses conjuntos de narrativas foram, também eles, associados à Literatura Infantil, até por que muitas vezes se apresentavam sob o formato de relatos iniciáticos, sendo a criança um elemento-símbolo dessas circunstâncias, o que validaria uma potencial presença do animal na cena diegética.

Todas essas anotações remetem ao percurso da Literatura Infantil em seu processo constitutivo, no domínio da revolução burguesa, a partir da qual o reconhecimento da condição da criança, enquanto fruidor artístico, como já assinalado, definiu-se como uma das formas legitimadoras da nova modalidade de escrita. Essa percepção vai-se verticalizar com Hans-Christian Andersen (1805-1875), embora registros historiográficos apontem para outros escritores com um projeto

⁴ “a política de delação por parte do homem forte do regime, o favorito de Tibério, Séjan” (Soler 2001: 185).

⁵ “o emblema da tesourização” (Soler 2001: 185).

literário voltado para a criança, mesmo antes do escritor dinamarquês. Madame Leprince de Beaumont (1711-1780), com o seu *Magasin des enfants*, e a Condessa de Ségur (1799-1874), anteriormente citada, seriam nomes significativos nesse particular. Entretanto, o estatuto de autor infantil vai-se definir, com mais ênfase, nos contos de Hans-Christian Andersen (1805-1875), isso devido ao fato de ele ter trazido para o próprio tecido textual a figura da criança como um interlocutor privilegiado do narrador.

A afirmação histórica da criança e da fase da vida que a identifica dá oportunidade ao surgimento da literatura infantil como fato cultural e social, no ocidente europeu. O animal, por sua vez, enquanto personagem, acompanha o desenvolvimento histórico das noções de infância e de Literatura Infantil.

Uma nova e renovadora inflexão face a essa idade vai surgir com o pensamento iluminista, tendo Jean-Jacques Rousseau (1712-1788) como principal porta-voz. Ao relativizar a sabedoria do homem adulto, o filósofo confere à criança o estatuto da diferença, abalando as convicções da época quanto à superioridade do primeiro. O prefácio de *Emílio, ou da Educação* (1762), obra que embasa a educação infantil em uma pedagogia das sensações, anota esse ideia-súmula do pensamento rousseauista:

Não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de homem (Rousseau 1999: 4).

É oportuno lembrar que Rousseau, no Livro II de *Emílio, ou da Educação*, discorrendo justamente sobre a artificialidade de certas obras dirigidas à infância, analisa, de maneira crítica, uma das mais conhecidas fábulas de La Fontaine, “O Corvo e a raposa”. Rousseau começa seu comentário transcrevendo o verso inicial da fábula, o que lhe dá pretexto para fazer várias indagações retóricas: “Mestre corvo, sobre uma árvore pousado, Mestre! Que significa esta palavra em si mesma? Que significa diante de um nome próprio? Que sentido tem aqui?” (Rousseau 1999: 122). Logo em seguida questiona o problema da linguagem literária, no caso a linguagem poética do fabulista, que se utiliza do hipérbato, o que certamente dificultaria o entendimento do verso por parte de uma criança: “Que é um corvo? Que é uma árvore pousado? Não dizemos sobre uma árvore pousado, mas sim pousado sobre uma árvore. Por conseguinte, devemos falar das inversões da poesia; devemos dizer o que é prosa e o que é verso” (Rousseau 1999: 122). Depois de reproduzir o segundo verso, “Segurava com o bico um queijo”, e de perguntar que tipo de queijo, se um queijo da Suíça, de Brie, ou da Holanda – incorporando o espírito curioso e insaciável quanto a perguntas da criança, para quem o mundo é um interminável por quê – e de pôr em dúvida o fato de um menino conceber um corvo (se é que ele sabe o que vem a ser um corvo) com um queijo no bico, vem o terceiro verso, seguido de outras ponderações:

Mestre raposo, pelo odor atraído,

Mais um mestre! Mas neste caso, com boa razão: o raposo é mestre consumado nos golpes de seu ofício. Devemos dizer o que é um raposo e separar sua verdadeira natureza do caráter convencional que assume nas fábulas (Rousseau 1991: 123).

Rousseau condena não apenas a artificialidade da fábula, enquanto construção de linguagem, tendo em vista a recepção pelo público infantil, assim como o clichê identificador do animal, o que privaria a criança de entrar em contato com sua “verdadeira natureza”.

Retornando à Literatura Infantil Contemporânea, cabe afirmar que talvez ela seja um dos sistemas de representação da realidade que mais venham contribuindo para essa educação dos sentidos do pequeno ouvinte ou do pequeno leitor. Isso porque, em nosso tempo, a chegada da criança à zooliteratura tende a ocorrer cada vez mais precocemente. Mesmo os bebês já adquiriram carta de cidadania nesse território, onde muitas vezes os animais têm sua morada.

Através de publicações como *Para mi bebé: animales pequenitos*, da Susaeta Ediciones, situada em Madri, verifica-se a ligação umbilical, estabelecida pela Literatura, entre crianças e bichos. Importa acrescentar que “bebês” é uma das categorias de público do catálogo da referida casa editorial, contando ela com um número assinalável de títulos, que remetem ao mundo zoo.

O livro obteve tradução brasileira e o que se observa é que a ludicidade, condizente com o gênero, alcança inclusive bichinhos de pequeno porte, que habitualmente não possuem um apelo afetivo de feição positiva, mesmo não sendo nocivos à espécie humana, como é o caso da tarântula.⁶ Além da exploração do cromatismo e do grafismo, ambos apoiados no sentido do olhar, e postos a serviço do estabelecimento de uma simpatia entre leitor e livro, também a audição é explorada, nesse gênero de escrita. Isso através dos livros sonoros, como *Le zoo*, livro que a tecnologia transforma em uma caixa mágica – esconderijo da voz de animais. Porém, um simples click em um amplificador movido a pilha traz ao ambiente doméstico sons que não apenas a floresta costuma guardar na extensão verde de seu perímetro. Ali, o zoológico também é apresentado à criança como uma passagem artificial onde são enquadrados os bichos, sendo as jaulas figuradas como cercas que, embora de leve traçado, denotam a limitação de sua liberdade.

⁶ Manoel de Barros é um dos que adotam a concepção de que todos os animais são dignos de serem prezados, mesmo os repulsivos como lacraias e lesmas. Em suas *Memórias inventadas para crianças*, uma das lâminas poéticas que estruturam o livro tem como matéria a lacraia, que aparece descrita em sua anatomia desmontável, e finda por ser “desmontada” em função da “peraltagem” das crianças, inclusive do “eu” que narra o episódio: “Cet âge est sans pitié”, como já advertia La Fontaine em “Les deux pigeons” (La Fontaine 1965: 140).

“Em criança a lacraia sempre me pareceu um trem. (...) Um dia a gente teve a má ideia de descarrilar a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem. (...) O que é a natureza! Eu não estava preparado para assistir àquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram a se mexer e a se encostar um no outro para se emendarem.(,,,) Depois, bem mais tarde eu escrevi esse verso: Com pedaços de mim, eu monto um ser atônito. Agora me indago se esse verso não veio da peraltagem do menino” (BARROS, 2011: 26). A força de metamorfose da poesia retira da lacraia a pecha de animal repelente, transportando-a para a esfera da divagação existencial. Tudo como resultado da vivência infantil junto aos bichos.

Le zoo, publicado pelo selo Gallimard jeunesse musique, segmento infantil da prestigiosa editora homônima, mostra, além do retrato e da identificação pela escrita dos nomes, a voz de seis animais: flamingo, coala, urso, serpente, tigre e crocodilo. São os ruídos da vida, que chegam aos pequenos – a sugestão é que pode ser ouvido/visto a partir de um ano de idade – inculcando-lhe a noção de diferença pela diversidade de falas.

Levando a criança a começar a entender sua própria corporeidade através desse “outro” animal, a Literatura Infantil Contemporânea constrói, através de vários artifícios estéticos, uma poética do sensível, em consonância com a função humanizadora da arte.

Para situar a questão no espaço da literatura brasileira, vale destacar a proposta da editora Cosac Naify em *Bebês brasileiros*. Poemas para os filhotes mais especiais de nossa fauna (2014), um dos cinco títulos pertencentes à coleção Brasileirinhos, lançada em 2001.⁷ Depois de quatro volumes dedicados aos animais em extinção, Lalau e a ilustradora Laurabeatriz optam pela apresentação de treze filhotinhos de nossa fauna. O livro compõe-se de um poema e uma ilustração para cada animalzinho, além de um texto informativo sobre suas particularidades de nascimento, características no princípio da vida ou reprodução. É significativo verificar o ponto de vista adotado em relevante número dos textos infantis contemporâneos, que colocam, em princípio, o animal como personagem de si mesmo, deixando entrever, porém, seus elementos de semelhança com o animal humano. Essas semelhanças são, em muitos casos, carregadas do território dos afetos e não mais do estrato comportamental, como era comum acontecer nas fábulas clássicas. Como consequência, tem-se a resignificação da própria Literatura Infantil, que se afasta de uma de suas premissas seminais: a intenção moralizante.

Assim, o leitor de textos infantis aparece como um ser empático no que concerne à narração, acionando em si próprio algumas lições de humanidade. Tem-se, como tal, uma importante inversão epistemológica, porque o animal não humano, muitas vezes depreciado com relação ao animal humano, é o que transparece nos textos como signo de revitalização da sensibilidade do último. Outro dado a ser realçado é a versatilidade das propostas de interação entre criança e animal, efetuadas pelo mercado editorial voltado para o pequeno leitor. Criando o mais cedo possível o convívio entre ambos, desde a primeira infância, sendo-lhe os bichos apresentados, em diversas ocasiões, na sua mesma condição de bebês, tem-se como resultado a criação de um parentesco no que se refere ao percurso vital.

No livro em exame, ao se fazer a apresentação do bebê anta a crianças pequenas, a linguagem é delineada na clave do enternecimento, evidenciado pelos diminutivos e pelo acento lúdico que atravessa o poema que leva o nome do animal: “A trombinha/Não atrapalha/Quando mama./Sua mãe deixa/Brincar na

⁷ *Brasileirinhos. Poesia para os bichos mais especiais da nossa fauna* (2001), *Novos brasileiroinhos* (2002), *Mais brasileiroinhos!* (2003), *Bem brasileiroinhos. Poesia para os bichos mais especiais da nossa fauna* (2004). Em outros de seus trabalhos, Lalau e Laurabeatriz também se debruçam sobre a Eco-literatura, como ocorre em *Boniteza silvestre. Poemas para os animais ameaçados pelo homem* (2007), que obedece a um arcabouço temático semelhante aos anteriores, exibindo na quarta capa um posicionamento político por parte da editora, ao apresentar o título 1 da Coleção Bicho-poema: “Neste livro liricamente engajado, Lalau faz poesia para os animais que o homem ameaça com sua cobiça. São onze bichos-poemas lindamente ilustrados por Laurabeatriz, numa verdadeira reverência à biodiversidade brasileira.”

água,/No mato e na lama!//A lua é o abajur/Da sua cama.//E essa pele/Listradinha?/É o seu pijama!" (Lalau 2004: s.p). O lirismo do dístico "A lua é o abajur/Da sua cama." cria um movimento de aproximação entre personagem e leitor, ao cotidianizar a vida do bichinho, alguém para quem, de forma similar à criança, chega a hora de dormir.

Numa escala em tom menor, porque restrita a um único acontecimento, o dormir, essa liberdade poética tem parentesco com o breviário de Montaigne sobre a vida dos seres, aqui propositalmente reintroduzido: "Os bichos nascem, reproduzem-se, alimentam-se, vivem e morrem como nós" (Montaigne 1987: 198). A poesia, então, por força de seu magnetismo, torna próximos seres que, embora distantes espacialmente, se unem, pelo faz de conta do pijaminha, e essa imagem propõe metaforicamente uma nova aprendizagem: a de que a diferença também pode ser um espaço de semelhança. Ao se deixar cativar pelas ilustrações, pela "biografia" poética dos animais, e animais vários, não apenas os domésticos mais habituais como cachorro e gato, ou bichos de forte efeito encantatório como ursinhos e coelhinhos, a criança pode vir a criar uma memória afetiva positiva no que tange aos animais, levando-se em consideração a pregnância dos eventos da infância pelos anos afora.

Além dos aspectos ligados à materialidade do livro, por si só indutores de uma empatia entre a criança e as fabulações ali dispostas, um outro fator concorre para a longevidade dessas experiências originais, qual seja, todo um manancial de afetividade a envolver a atmosfera da leitura/audição como bem acentua Soussan (2014):

Ce qui passe ainsi des parents, de la mère, au bébé, concerne bien autre chose que la simple parole ou la simple histoire, et c'est bien cela qui est magique. Le livre devient de la sorte un espace sensoriel extraordinaire où se melent confusément le sens même de l'histoire, le climat affective, la reencontre sensorielle au tour du langage, de la présence de la mère, et tant d'autres éprouvés corporels (Soussan 2014: 243).⁸

Escritura/leitura e um novo mundo para os animais

Em *Estatutos de um novo mundo para os animais* (2007), o escritor Miguel Sanches Neto repercute o pensamento de Montaigne e oferece às crianças uma publicação, em que um novo mundo é proposto a seres que lhe são muito próximos, os animais. A sinopse de um dos sites de vendas do livro oferece a seguinte tradução dos *Estatutos*, afirmando serem eles compostos de "pequenos e divertidos artigos que mostram que o planeta poderia ser um lugar ideal para o convívio de cachorros, gatos, elefantes, passarinhos, sapos e seres humanos", algo que se aproxima bastante da receita do antidogmático filósofo francês. Já no paratexto editorial do livro, lê-se que nele "o autor cria um conjunto de procedimentos para que amemos mais os animais. Por

⁸ "O que passa assim dos pais, da mãe, ao bebê, concerne muito mais à outra coisa que à simples palavra ou à simples história, e é exatamente isso que é mágico. O livro torna-se, como tal, um espaço sensorial extraordinário onde se misturam confusamente o próprio sentido da história, o clima afetivo, o encontro sensorial em torno da linguagem, da presença da mãe, e de tantas outras provas corporais" (Soussan 2014: 243).

meio de uma linguagem poética, ele apresenta os direitos dos animais, na voz deles mesmos. São

os animais olhando os seres humanos.” O que pensar da utilização do “gênero” estatuto, e também da assertividade de suas sentenças, senão que a vida dos animais sugere um discurso reivindicatório?

A resposta a essa pergunta, nada retórica, talvez possa ser fornecida no âmbito da própria Literatura e da produção ficcional do mesmo escritor, que também é autor de um outro texto de natureza análoga, dirigido às crianças.

Trata-se dos *Estatutos de um novo mundo para as crianças* (2005), em que no artigo 10º o escritor propõe algo que, para a mentalidade de séculos anteriores ao nosso, poderia soar como desarrazoado, mais que isso: um rematado *nonsense*: “Fica permitido que qualquer criança dê sua opinião e que ela tenha tanto valor quanto a de um ancião” (Sanches Neto 2005: 23).

Embora hoje ainda haja muitos ultrajes à alteridade da criança, já existem ilhas de respeito, em que sua condição existencial se afasta cada vez mais da etimologia de infância, do Latim *in-fans*, ou seja, o que não fala.

O convívio da criança com os animais, desde cedo, por meio das elaborações artísticas calcadas na ficção, pode fornecer lastro para um cultivo de uma percepção do mundo embasada em valores verdadeiramente humanistas, não se restringindo o cultivo dessa percepção apenas a elas, e sim atingindo as outras pessoas que lhe estão próximas e que participam de sua formação leitora, de maneira que mais e mais a Literatura proporcione uma educação da sensibilidade, que proclame uma comunhão entre homens e bichos.

THE ANIMALS WE ALL ARE: OR THE LIFE OF BEASTS IN CONTEMPORARY LITERATURE FOR CHILDREN

Abstract: From Contemporary Children’s Zooliterature, having as its specific *corpus* (*Le zoo* (Babin, 2011), *Para meu bebê. Animais pequenos* (Grez, 2014), *Bebês brasileiros. Poemas para os filhotes mais especiais de nossa fauna* (Lalau, 2014) and *meu filho, meu besouro* (Volpato, 2011), the present study proposes a reflection on children’s insertion in the fictional universe and the consequent building of their identity process through the “other”, represented by non-human animal. The theoretical framework was found in Montaigne (1987), Rousseau (1999) Soussan (2014) e Maciel (2011; 2016).

Keywords: Contemporary Children’s Zooliterature animal; child; identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *De notícias & não notícias faz-se a crônica: Histórias, Diálogos, Divagações*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças*. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Planeta, 2011.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BABIN, Claire. *Le zoo*. Graphisme Élisabeth Cohat. Paris: Gallimard Jeunesse, 2011.

CONDESSA DE SÉGUR. *Memórias de um burro*. Ilustrações de H. Castelli. Trad. Vera Chacham. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GREZ, Marcela. *Para meu bebê. Animais pequenos*. Ilustrações de El Garabato Feliz. Trad. Mônica Alves a partir de *Para mi bebé: animales pequeñitos*. Barueri. SP: Girassol, 2014. Coleção Para o meu bebê, 3.

LA FONTAINE. *Oeuvres complètes*. Paris: Éditions du Seuil, 1965.

LALAU. *Bebês brasileirinhos*. Poemas para os filhotes mais especiais de nossa fauna. Ilustrações de Laurabeatriz. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Coleção Brasileirinhos.

_____. *Boniteza silvestre. Poemas para os animais ameaçados pelo homem*. Ilustrações de Laurabeatriz. São Paulo: Peirópolis, 2007. Coleção Bicho-Poema 1.

MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. In: _____. (Org.). *Pensar/Escrever o animal. Ensaaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. Anexo: Entrevista com Donna Haraway, p. 82-101.

MACIEL, Maria Esther. Entrevista: O interesse por um novo enfoque dos animais na literatura é recente. Recife: Revista *Continente*, p. 5-10, 06 jan. 2016.

MONTAIGNE, Michel de. Da Crueldade. In: _____. *Ensaaios*. Livro II. Trad. Sérgio Milliet, precedido de Montaigne - o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Hucitec, 1987. 3 v. p. 162-173.

_____. Apologia de Raymond Sebond. In: _____. *Ensaaios*. Livro II. Trad. Sérgio Milliet, precedido de Montaigne - o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Hucitec, 1987. 3 v. p. 173-307.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOUSSAN, Patrick Ben. *Qu'apporte la littérature jeunesse aux enfants? Et à ceux qui ne le sont plus*. Paris: Éditions Eres, 2014. (Collection 1001 Et +)

VOLPATO, Cadão. *meu filho, meu besouro*. Ilustrações do autor. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/02/2016 E APROVADO EM 30/03/2016